

VIDA DE MULHER

Por Tânia Quintaneiro (1)

A vida de mulher, naquela época começou, pra mim, aos 12 ou 13 anos, ao me mudar para Belo Horizonte. Ao mesmo tempo, entrar de cabeça na adolescência, comecei a sentir as travas do que era ou não lícito e moral fazer. Para o caso de dúvidas, minha mãe dizia que eu perguntasse ao meu pai. Era ele o juízo final. Como eu era de outro estado, demorei a ter uma turminha em BH e para ter aonde ir. Meu colégio não ficava no bairro onde eu morava, portanto não havia a sedução de ir me encontrar com coleguinhas ou ir a festas. Isso retardou bastante a descoberta das minhas barreiras, já colocadas e à minha espera sem que eu soubesse. No meu bairro, só de eu andar de short na rua já era motivo de comentários e mesmo de avanços inesperados e sequer compreendidos por parte de um vizinho um pouco mais velho, para quem “ser carioca” era sinônimo de ser “fácil”.

De fato, só fui sentir os tais limites muito tarde, já no último ano do colégio, quando saí de uma escola exclusivamente feminina extremamente conservadora - onde nem se podia passar da porta de entrada vestindo calças - e fui para o Colégio Universitário, no emblemático ano de 1968, onde a liberdade total foi experimentada por mim pela primeira vez. E de lá diretamente para o Curso de Ciências Sociais, no também emblemático ano do AI-5 (2). Já tendo me iniciado no movimento estudantil, ainda no colégio, a consequência foi ter me engajado rapidamente nos diretórios acadêmicos e centros de estudos da FAFICH. Acelerando a história, me casei depois de um curtíssimo namoro, logo após terminar a graduação e iniciar o curso de mestrado. Adotamos uma criança e, quase em seguida, nos divorciamos. Foi então que fiquei grávida solo e minha família não teve outro remédio se não aceitar a chegada de mais uma criança. O pai biológico era mulhengo e preferi não ter ajuda. Casar estava fora de questão. Mãe solo não era muito comum, os anos eram 1977. Foi durante a gravidez que ouvi falar no grupo que se reunia

na casa da Myrian (3). A descoberta mais importante só consegui fazer décadas depois: eu não estava sozinha. Outras mulheres viviam situações semelhantes ou precisavam de apoio. Mas o convívio, as conversas, a força que nos dávamos umas às outras, as amizades que iam brotando, embora nada disso fosse racionalizado então, serviram de ajuda para o fortalecimento de todas nós, e que, ao gerar uma consciência mais ampliada, serviu de base para começarmos a entender o que era o feminismo. E muitas dessas amizades nunca se desfizeram.

Não creio que eu tivesse uma ideia a esse respeito do feminismo quando cheguei ao grupo. Eu lutava minhas lutas particulares sem me dar conta de que eu era uma entre muitas. De toda forma, sempre estive muito à frente do que se esperava de mim. Sem ser socialmente agressiva, eu simplesmente ia agindo e conquistando minhas metas. Mas não percebia que outras viviam situações semelhantes e provavelmente muito piores.

Nessa época, eu já estava totalmente interessada na temática feminina. Lia muito também. Foi aí que me casei novamente e, pouco depois, tive mais uma filha. Pouco depois, a primeira, aos 4 ou 5 anos, teve uma coleguinha que ficou órfã durante o semestre letivo. Sua mãe fora assassinada pelo pai. O caso teve enorme repercussão, inclusive nacional. As mulheres de BH, já organizadas, se manifestaram. Depois disso, a escolinha suspendeu as comemorações pelo dia das mães para evitar mais sofrimento para a menina.

O caso Ângela Diniz (4) já havia servido de motivo para intensas discussões a respeito da *legítima defesa da honra*, (5) uma figura jurídica intensamente esgrimida para livrar os homens de pagar na justiça pelos seus crimes contra as mulheres. As mulheres em BH começavam a difundir suas palavras de ordem, belíssimas: Quem ama não mata. Muitos anos depois, conheci casualmente, na sala de espera da dentista, um homem alto, elegante, bem educado. Era Doca Street (6).

NOTAS -

- (1) **Tania Barbosa Quintaneiro (1949-)** Cientista política, professora aposentada do Departamento de Ciência Política da UFMG. Autora e/ou coautora dos livros: QUINTANEIRO, Tânia (1996). **Retratos de mulher: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeros do século XIX**. Rio de Janeiro: Editora Vozes; QUINTANEIRO, Tânia; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro et al (1975). **Um Toque de Clássicos: Marx, Durkheim, Weber**. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- (2) **Ato Institucional nº 5, AI-5**, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados.
- (3) **Mirian Chrystus de Mello e Silva (1953-)** Jornalista e professora aposentada do Departamento de Comunicação Social da UFMG, é doutora em Estudos Literários (UFMG, 2007) e mestre em Comunicação (UFMG, 2002), graduada em Comunicação Social (UFMG, 1979). É uma das lideranças e coordenadora do movimento *Quem Ama Não Mata* em Belo Horizonte.
- (4) **Ângela Maria Fernandes Diniz (1944-1976)** Foi uma *socialite* brasileira assassinada (em 30 de dezembro de 1976) por seu companheiro, Raul Fernando do Amaral Street, conhecido como "Doca Street". O primeiro julgamento de Doca Street (18 de outubro de 1979) foi amplamente divulgado pela mídia e teve como foco a moral sexual feminina. A decisão judicial gerou um amplo movimento de protesto das mulheres no país, especialmente pela atuação do advogado de defesa, Evandro Lins e Silva, pela defesa da reputação do réu e condenação da vítima, com base na tese da legítima defesa da honra. No segundo julgamento (novembro de 1981), feministas de Rio e de Minas, já utilizando o slogan "*quem ama não mata*", fazem passeata e manifestos em Cabo Frio (local do crime e dos dois julgamentos), quando Doca Street foi condenado a quinze anos de prisão. O evento é considerado um marco na história do feminismo no Brasil.
- (5) **Legítima defesa da honra** A tese era um recurso argumentativo utilizado pelas defesas de acusados de feminicídio ou agressões contra mulher para justificar o comportamento do réu. A justificativa, a partir da tese, defendia ser aceitável o comportamento do réu de assassinar ou agredir sua parceira (vítima) caso ela cometesse adultério, pois esta teria ferido sua honra. Desse modo, o argumento jurídico justificava o comportamento descontrolado e criminoso do agressor atribuindo à mulher vítima, a responsabilidade por sua própria morte ou lesão.
- (6) **Raul Fernando do Amaral Street (1934-2020)** Herdeiro de rica família paulista era conhecido como *bon vivant*. Abandonou a esposa e os filhos para viver um romance com Ângela Diniz, que acabou assassinada por Doca Street com quatro tiros no rosto na virada do ano novo em 1976.